

Ano III, Num 01
Edição Janeiro – Junho 2012
ISSN: 2179-6033
<http://radioleituras.wordpress.com>

A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul¹

Elias José Mengarda²

Letícia Sangaletti³

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o comportamento linguístico de locutores de rádio AM e FM da região da grande Porto Alegre e da região noroeste quanto aos empregos pronominais “tu” vs. “você” e “nós” vs. “a gente”. O corpus é formado por gravações de programas de entrevistas e programas musicais de 5 emissoras da capital e 5 emissoras da região noroeste do estado. O enfoque teórico e metodológico baseou-se nos princípios da teoria da variação linguística (LABOV, 1972, 2008). Os resultados encontrados confirmam estudos anteriores realizados por Vandresen (2000), Abreu (1987) e Loregian (1996), quanto à predominância do emprego do pronome “tu” na região de Porto Alegre. Por outro lado, os locutores da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul não apresentam na mesma proporção esse comportamento quanto ao uso pronominal que se constata nas emissoras de Porto Alegre.

Palavras-chave: Língua; Locutores de Rádio; Variação Linguística; Emissoras.

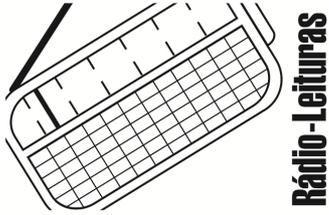
Introdução

O objetivo desse estudo é descrever os tipos de variação pronominais constatados na linguagem radiofônica a partir de um *corpus* de gravações de

¹ Artigo originalmente apresentado no Simpósio Internacional Linguagens e Culturas: Homenagem Aos 40 Anos dos Programas de Pós-Graduação em Linguística, Literatura e Inglês da UFSC, em 2011.

² Elias José Mengarda é doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor da Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen – RS. Email: eliasmengarda@yahoo.com.br.

³ Letícia Sangaletti é mestranda em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – *campus* Frederico Westphalen e bolsista Capes. É graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen. Email: leesangaletti@yahoo.com.br.



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

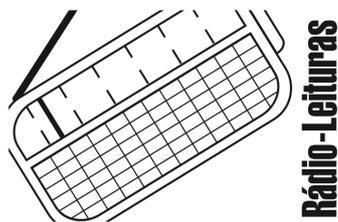
Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

programas musicais e entrevistas, colhido em emissoras AM e FM da grande Porto Alegre e da região noroeste do Rio Grande do Sul, à luz da metodologia variacionista proposta por Labov (1972) e Tarallo (1990, 2001).

Procurou-se identificar o tipo de uso pronominal usado pelos locutores de rádio, uma vez que as pesquisas sociolinguísticas identificam que no Sul do Brasil, precisamente em Porto Alegre, há a predominância do uso de segunda pessoa, ou seja, o pronome “tu”, enquanto nas demais capitais do país, a tendência é o uso do pronome “você”. A partir de um conjunto de narrativas radiofônicas (entrevistas) com informantes variados é possível verificar uma tendência ou predominância de um determinado uso linguístico e que tipo de mudança linguística pode estar em curso.

Os estudos na perspectiva variacionista assumem que a variação é inerente ao sistema linguístico. Ou seja, as línguas são heterogêneas (MOLLICA e BRAGA, 2007), e essa heterogeneidade pode ser explicada a partir das várias normas, tais como o uso de toda uma região - normas regionais, - do uso de diferentes classes socioeconômicas – normas sociais -, dos usos em família – normas familiares -, dos usos típicos de certas profissões – normas profissionais -, dos usos das gerações – normas etárias (AZEREDO, 2008, p. 61).

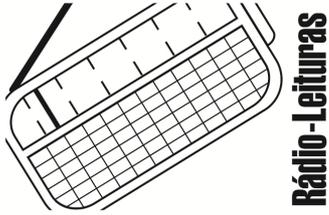
Alguns estudos relacionados ao emprego pronominal na região sul tornaram-se referência na literatura linguística. Destacamos o trabalho realizado por Vandresen (2000), em que demonstra a sobrevivência do pronome “tu” sujeito, com ou sem concordância. Também o estudo de Abreu (1987) indica que no Paraná é categórico o uso do pronome “você”, mas com a sobrevivência do possessivo “teu”, “tua” e do clítico “te” associado a você, ao passo que “seu” ou “sua” ocorre, principalmente, combinado com o tratamento “senhor(a)”. No mesmo estudo, o autor menciona que em Florianópolis, há um sistema básico de três níveis de formalidade – “tu” informal, íntimo, solidário, “você” mais formal e “senhor(a)” formal e respeitoso. Em Curitiba não ocorre o uso de “tu”, mas além do pronome “você” (informal) e senhor(a) (formal) ocorre uma forma intermediária, sem o uso de pronome de tratamento (pronome zero), quando o emissor fica em dúvida entre tratamento formal e informal.



Loregian (1996) também confirmou estudos anteriores como os de Abreu (1987) em que não se constata o uso do pronome “tu” em Curitiba. No entanto, os dados de sua pesquisa revelaram elevado uso do pronome “tu” em Porto Alegre e Florianópolis, em que 18 e 11 informantes, respectivamente, usaram somente “tu” ao longo de toda a entrevista e os demais usaram “tu” alternativamente com “você” e “senhor(a)”. Isso significa que o pronome “tu” ocorreu em todos os 24 informantes destas duas cidades.

O que nos interessa nesse trabalho, especificamente, é verificar se os locutores de rádio, conscientes de que estão num contexto de comunicação em que o uso linguístico é mais controlado do que os falantes que estão em ambientes informais, por isso, menos controlados, produzem esse tipo de variação pronominal em que o pronome “tu” predomina, conforme indicam as pesquisas realizadas com falantes de Porto Alegre. Além disso, nos interessa analisar e comparar a locução dos locutores de emissoras da grande Porto Alegre com os locutores de rádio da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, quanto a outros usos pronominais tais como o emprego dos pronomes “nós” e “a gente”. Estabelecemos como hipótese que os locutores de rádio, independente do tipo de programa que estejam fazendo (programa esportivo ou de música, entrevista em estúdio, entrevista externa, jornal falado, etc.), se aproximem do uso mais padronizado da língua oral, considerando que atuam num contexto de comunicação que requer, segundo Vanoye (2007), um comportamento linguístico mais cuidado, ou mais formal da expressão oral.

Diante dessas circunstâncias, deve-se considerar as características ou a natureza do programa radiofônico, isto é, a que segmento social ou para que tipo de público está sendo dirigido, haja vista que existe uma variedade bastante grande de programas radiofônicos, podendo ser popular, como os programas musicais ou de debates, entrevistas, reportagens, além da participação de radio-ouvintes ao vivo, o que naturalmente, implica em que o locutor saiba estabelecer uma relação de afinidade com os ouvintes.



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

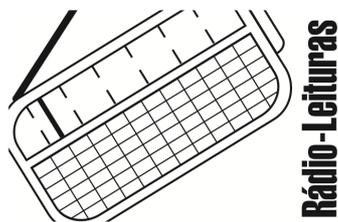
Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

Como pode-se observar, as variáveis que interferem na expressão oral são múltiplas em se tratando de um contexto de comunicação radiofônica, pois, existem programas que são mais interativos envolvendo o âncora (apresentador) e os diversos repórteres que participam num dado programa levando ao ar notícias diversas que pode ser ao vivo ou editadas. Nesse caso, trechos considerados comprometidos quanto a algum tipo de falha tais como má audição, sobreposição de vozes, pausas demasiadas, etc., podem ser cortados pelo diretor do programa. Também podemos ter dois ou três locutores debatendo determinado tema que, dependendo da sua idade, escolaridade e procedência afeta o seu processo comunicativo.

Martinez-Costa e Unzueta (2005) chamam a atenção para a questão dos gêneros em que a redação de uma notícia, a elaboração de uma crônica, uma entrevista ou um comentário radiofônico são sistemas formais para apresentar a narração dos conteúdos no rádio. Por isso, o profissional do rádio deve conhecer os fins, limitações e possibilidades criativas para o eficaz emprego dos diversos gêneros radiofônicos.

O modo de lidar com os diferentes gêneros radiofônicos (notícia, reportagem, nota, boletim, comentário, crônica, etc.) determina ou define um tipo de comportamento comunicativo do locutor em seu programa, passando a dar um caráter particular à presença da emissora em que atua.

De acordo com Vanoye (2007, p. 23), para que se efetue a comunicação, é “necessário que haja um código que é comum aos falantes. Diz-se, em termos mais gerais, que é preciso falar a mesma língua: o português, por exemplo, que é a língua que utilizamos.” No entanto, vivemos em um país com diferenças étnicas e culturais, sujeitas a influências climáticas e socioambientais em que se percebe que o português pode não ser o mesmo em certas regiões do Brasil. Para exemplificar, o português do sul não é o mesmo do nordeste ou da região sudeste. Além disso, temos o que se caracteriza de norma regional, familiar, social, profissional e etária o que por seu caráter coletivo e sua condição de modelo de uso, os membros da comunidade seguem, por escolha ou por força da herança sócio-histórica (AZEREDO, 2008).



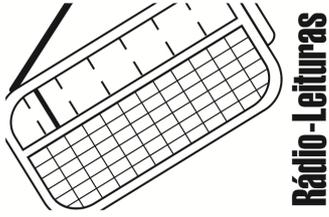
No Brasil, poderíamos falar da existência de dialetos, embora não se chegue à ininteligibilidade, como é o caso de alguns dialetos falados na Itália ou Alemanha. Estes fatores mencionados permitem compreender a existência de níveis de uso da linguagem que podem oscilar do nível informal (coloquial) ou popular até o nível padrão ou formal. O vocabulário, a sintaxe e também a pronúncia variam segundo esses níveis.

Vejamos os níveis de linguagem que compreendem o modo como o falante poderá manifestar-se nas diversas situações de comunicação em que ele se encontra:

a) Nível culto ou formal: obedece à gramática normativa, isto é, segue as regras da norma culta. Geralmente é usada em situações que exigem tal posicionamento do falante, como em discursos, sermões, apresentações de trabalhos científicos.

b) Nível coloquial ou informal: trata-se da manifestação espontânea da língua em que os falantes usam gírias, vocabulário às vezes pejorativo, formas subtraídas ou cortes das palavras, conjugação verbal inadequada, problemas de concordância verbal e nominal e outras marcas da oralidade como “né, daí, a gente” etc. Este nível independe de regras e está presente nas conversas entre amigos e familiares, por exemplo. Na internet é comum encontrar o nível coloquial em textos de diálogos, ou em sites de relacionamentos como o *orkut*, o *facebook* e o *twiter* e em programas de conversação como o *msn messenger*.

O estado do Rio Grande do Sul é formado por uma população constituída predominantemente por povos de procedência europeia tais como os alemães, os italianos e os poloneses. Esses colonizadores trouxeram suas culturas e tradições características de seus países de origem. Essa formação étnica e cultural contrasta de algum modo com a de outros estados brasileiros por apresentar sotaques, dialetos e identidades bem particulares. O Rio Grande do Sul é um estado, que por suas peculiaridades histórico-culturais, é um caso especial de regionalismo, além de ter



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

vivido uma experiência separatista, como foi a Revolução Farroupilha, por questões econômicas e políticas no século XIX.

A linguagem utilizada no RS apresenta forte influência do linguajar fronteiriço por fazer fronteira com o Uruguai e Argentina. A linguagem do gaúcho chama bastante atenção por apresentar como uma de suas principais marcas linguísticas, o uso do pronome de segunda pessoa “tu”, sobretudo em Porto Alegre. Os estudiosos observam que há uma competição entre o uso dos pronomes “tu” e “você”, e entre os pronomes “nós” e “a gente”, denotando que o segundo pronome vem substituindo o primeiro, respectivamente. Essa pesquisa visa exatamente verificar em que medida esse tipo de ocorrência se manifesta na região noroeste do RS tomando por base de análise um *corpus* de locuções de locutores das duas regiões pesquisadas.

Em Faraco e Tezza (1992, 2002) apresenta-se uma tipologia sobre a não uniformidade da língua padrão. De acordo com os autores, as principais variações se processam nos níveis geográfico, formal, estilística e a relação língua oral e língua escrita. É certo que as variedades linguísticas são inerentes a todas as línguas do mundo, conforme indicam os estudos de Labov (1972, 2008), Tarallo (1991) e Lucchesi (1994). A variedade padrão é estabelecida a partir de uma opção política, isto é, a partir de quem detém o poder (BAGNO, 2001, 2006). Desta forma, no Brasil, temos as variantes específicas do Português, conforme as características regionais e, além disso, temos, sobretudo no sul do Brasil, as comunidades de imigração italiana, alemã e polonesa, que são as que apresentam maior concentração de descendentes.

Quanto às culturas de imigração, deve-se ressaltar que a política de nacionalização estabelecida pelo governo Vargas em 1937, propagou, especialmente no sul do Brasil, um verdadeiro “terrorismo” quanto ao uso da língua italiana (*talian* ou o dialeto italiano de matriz veneta ou trentina) nas comunidades. As consequências desta política foram nefastas, principalmente para a educação de crianças e jovens, que ao frequentarem a escola, encontravam, além das dificuldades normais da comunicação oral, professores com posturas pedagógicas autoritárias e conservadoras

em relação aos seus usos linguísticos que, inconscientemente ou não, resultaram em prejuízos psicológicos e sociais.

Este tipo de comportamento pedagógico da escola em relação à expressão linguística dos falantes pode ser evidenciado, ainda, hoje, com práticas pedagógicas prescritivas relacionadas ao ensino da língua portuguesa, quando as variantes estigmatizadas pela mídia e pela escola acabam por aprofundar não só um tipo de preconceito linguístico, mas também por extensão, o preconceito social.

1. Língua e Variação Linguística

A língua é um código ou sistema de signos verbais específicos que codifica palavras e regras para a comunicação entre as pessoas, estando sujeita às influências de seus usuários. O resultado dessas influências incide diretamente sobre o sistema linguístico, por ser um produto social e que ao longo do tempo pode apresentar variações nos níveis fonológico e/ou morfossintático. Uma forma até pouco tempo considerada de prestígio, atualmente, poderá ser considerada estigmatizada, ou seja, desprestigiada. É assim que nascem as variantes, consideradas formas concorrentes e que com o tempo podem impor-se como majoritárias pela escolha livre e natural de seus falantes.

Um exemplo concreto para nós, brasileiros, é a mudança que se observa no paradigma flexional do português. Diversos estudos, conforme encontramos em Kato (1993), Duarte (1993), Figueiredo Silva (1998) e Loregian (1996) colocam em evidência que o paradigma flexional do português brasileiro demonstra estar em transformação, conforme demonstra a estrutura verbal a seguir:

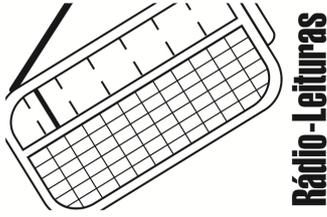
Eu canto

Você canta (em alguns dialetos: tu cantas; em outros: tu canta)

Ele canta

A gente canta (nós cantamos, ou nós canta)

Vocês cantam



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

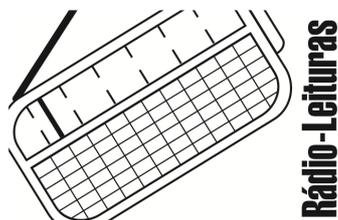
Eles cantam

Embora as mudanças do paradigma flexional do português sejam evidentes, as gramáticas continuam apresentando o paradigma tradicional da flexão verbal sem fazer, muitas vezes, a devida reflexão de que a língua muda no tempo e as variantes novas competem ou concorrem numa dinâmica constante de renovação do sistema linguístico.

De forma sintética, Tarallo (2001, p. 8) define variante linguística “como uma forma de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. A um conjunto de variantes, dá-se o nome de variante linguística e estas podem ocorrer nos níveis fonológico, morfológico, lexical e/ou sintático.

Todo falante de uma língua, expressa-se de acordo com um sistema de regras em boa parte comum a seus interlocutores. De acordo com Saussure (1916), a língua constitui um fato social. Isto significa que pertencemos a uma determinada comunidade de fala não nos cabendo propor qualquer alteração, haja vista que a língua em uso é exterior ao indivíduo e subsiste na consciência coletiva do grupo social. Por outro lado, se este sistema de signos linguísticos é exterior ao indivíduo é também interiorizado pelos falantes e convencionalizado socialmente. Portanto, linguagem, sociedade e cultura estão intimamente relacionadas, caracterizando-se como um produto da faculdade criativa da linguagem.

Com relação ao Brasil, é preciso entender que se trata de um país plurilíngue, apesar do “linguocídio” a que foi submetido por políticas de opressão do Estado, durante o governo de Getúlio Vargas em relação às línguas de cultura, trazidas pelos imigrantes alemães, italianos e poloneses. A história mostra que poderíamos ter sido um país ainda mais plurilíngue, não fossem as repetidas investidas autoritárias do Estado (e das instituições aliadas, ou ainda a omissão de grande parte dos intelectuais) contra a diversidade cultural e linguística.



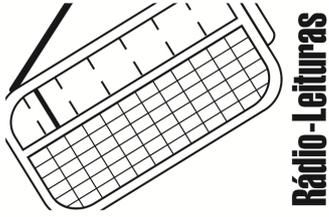
A história brasileira mostra que somos um país pluricultural e multilíngue, não apenas pela diversidade de línguas faladas no território, mas ainda pela grande diversidade interna da língua portuguesa, que é obscurecida por outro preconceito, o de que o “português” é uma língua sem dialetos. Se uma língua é por natureza heterogênea, imaginemos esta língua convivendo com as línguas de cultura no sul do Brasil.

Deve-se levar em conta que a linguagem utilizada no RS é resultado de sua cultura plural de séculos em que convivem lado a lado etnias vindas da Europa, além de ter vasta fronteira com os países platinos. Isso lhe confere particularidades que o diferenciam em relação aos outros estados da federação.

2. A língua, o locutor e o rádio

O rádio constitui-se no meio de comunicação mais difundido em todo mundo, estando presente nos lares, nos automóveis, nos estádios de futebol e nos ambientes de trabalho. A maneira de narrar do rádio lida com o tempo e o espaço tendo na voz do locutor, poderoso e original elemento de comunicação entre os seres humanos desde as origens pré-históricas até nossos dias. É na narrativa radiofônica que percebemos toda a versatilidade e capacidade de persuasão por meio da expressão oral dos locutores.

O fato de o rádio ser um veículo de comunicação de massa que atinge pessoas de todas as classes sociais faz com que a sua linguagem seja simples, direta, e às vezes coloquial, recurso essencial para que os ouvintes possam entender a mensagem. Porém, isso não significa que a linguagem radiofônica tolere todo tipo de construção gramatical. É sabido que os comunicadores de rádio exercem forte influência sobre seus ouvintes, mas dependendo do tipo de programa, o estilo de linguagem pode oscilar bastante indo do uso coloquial ou informal até um uso mais formal.



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

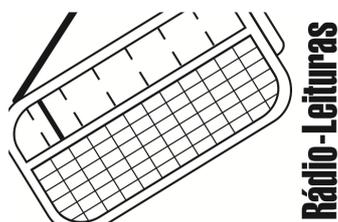
É certo que haverá programas em que os locutores serão mais formais, dando a impressão de que estão lendo o texto, como ocorre, por exemplo, durante a locução de um noticioso. Mas, há também diversos tipos de programas, como os musicais ou os debates em que predominam a naturalidade e a espontaneidade dos locutores, gerando, assim, uma relação de maior proximidade com os interlocutores.

Para Gomes (2002) a linguagem radiofônica obedece a critérios como a concisão, exatidão, objetividade e a simplicidade. Esta deve ser bem articulada e agradável aos ouvidos. Estes critérios exigem o uso adequado da língua para que se alcancem os objetivos pretendidos a fim de poder comunicar-se de forma adequada com os ouvintes.

Os estudiosos do rádio, quando referem-se à linguagem, destacam que o radiouvinte ao contar apenas com audição, significa que o som deverá suprir a falta de imagem. Isto demanda o uso de uma língua(gem) bem articulada, timbre de voz adequado e capacidade de expressividade oral fluente para que o ouvinte “veja” através das palavras. Por isso, os profissionais do rádio precisam aprimorar essa capacidade de comunicação continuamente.

O papel do locutor é fundamental para o sucesso de determinada programação radiofônica. O locutor deve cultivar sua voz e saber transmitir as mensagens com clareza, tom de voz adequado e articular bem as palavras. Do ponto de vista dos conteúdos é fundamental saber ambientar, descrever, narrar e expressar sensações e emoções que estimulam a imaginação do ouvinte para que ele possa recriar as imagens mentais.

Por isso é importante conhecer a própria voz em termos físicos e acústicos. O locutor deve saber combinar a velocidade de emissão de voz e administrar as pausas de modo correto para que o ritmo possa ter variações contínuas em função do significado e o sentido das mensagens. Muitas vezes a palavra radiofônica precisa ser improvisada. A arte e a técnica da improvisação sustentam-se em três regras



essenciais: não falar sobre temas que não se conhecem, não fugir do tema e sentir-se à vontade diante do microfone.

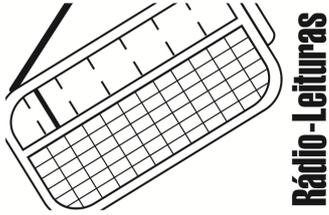
Foi pensando nessa dinamicidade que o rádio é capaz de provocar entre locutor e interlocutor que optamos pela narrativa radiofônica como dado concreto e real para estudar a língua e os processos de variação. Os programas musicais intercalados com entrevistas e a participação interativa dos ouvintes em que interagem dois ou três locutores oportunizam a obtenção de rico material linguístico, proporcionando, desse modo, a possibilidade de verificar quais são as situações linguísticas que podem apresentar a tendência inovadora. Também é possível detectar em que medida o centro e a periferia ou interior se identificam ou contrastam em nível de usos languageiros.

3. Procedimentos Metodológicos

A questão pronominal no Rio Grande do Sul apresenta características que a diferencia da maior parte do país, pelo fato de ter como marca principal, o emprego do pronome pessoal “tu”, enquanto em outros estados observa-se a predominância do emprego do pronome “você”.

Para estudar o fenômeno da variação linguística, uma das estratégias de coleta de dados é o uso da entrevista. Tarallo (2001) explica que o uso da técnica da entrevista é uma situação interativa em que o falante se expressa naturalmente, permitindo ao pesquisador verificar os usos linguísticos que deseja examinar. No caso da nossa pesquisa, as gravações das narrativas radiofônicas constituem-se em excelente meio para verificar os usos linguísticos e as tendências de variação.

Para implementar essa pesquisa foram realizadas dez gravações de programas radiofônicos da região metropolitana e da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

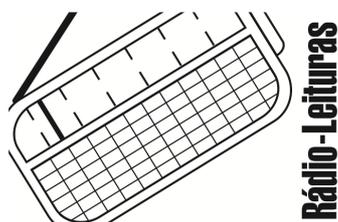


A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

O *corpus* constitui-se de dez programas:

- Programa “Gaúcha Entrevista” da Rádio Gaúcha AM de Porto Alegre, gravado em 07 de janeiro de 2009. O programa tem 44 minutos e 30 segundos.
- Programa “Tribuna Popular” da Rádio Província FM de Tenente Portela, gravado em 07 de fevereiro de 2009. O programa tem 1 hora e 30 minutos.
- Programa “Vinil Rock Café” da Rádio Luz e Alegria FM de Frederico Westphalen, gravado em 07 de fevereiro de 2009. O programa tem 3 horas e 30 minutos.
- Programa “Rádio Reporter” da Rádio Luz e Alegria AM de Frederico Westphalen, gravado em 13 de fevereiro de 2009. O programa tem duração de 45 minutos.
- Programa “Pretinho Básico” da Rádio Atlântida FM, gravado em 14 de outubro de 2008 em Porto Alegre. O programa tem duração de 1 hora.
- Programa “Sala de Redação” da Rádio Gaúcha FM, gravado em 02 de janeiro de 2009, em Porto Alegre. O programa tem 50 minutos de duração.
- Programa “Manhã Máxima” da Rádio Querência AM, de Santo Augusto, gravado em 17 de fevereiro de 2009. O programa tem a duração de, aproximadamente 3 horas e meia.
- Programa “Frequência Livre” produzido pelos alunos do 4º semestre de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, campus de Frederico Westphalen, na disciplina de Laboratório de Radiojornalismo III, veiculado em 18 de março de 2009 pela Rádio Comunitária de Frederico Westphalen com 30 minutos de duração.
- Programa “Persona Singular” da Rádio Caxias AM, gravado em 17 de fevereiro de 2009. São 23 minutos que fazem parte do segundo bloco do programa.



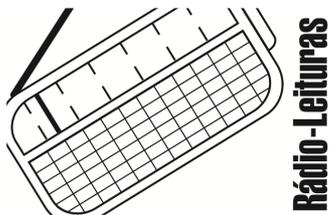
- Programa “Cafezinho” da Rádio Pop Rock FM, de Canoas, gravado em 27 de agosto de 2008 em Porto Alegre. São 47 minutos de programa.

O tempo total de entrevistas gravadas somou 13 horas de gravação. Os programas radiofônicos foram transcritos seguindo o sistema de transcrição proposto por Paiva (2007). Assim sendo, as regras utilizadas para a transcrição são as seguintes:

Quando há L1 no início da frase, indica que este é o primeiro locutor a falar, e segue com L2, L3, L4 e, assim, acontece também com o convidado, C1, C2, C3. Quando aparecem reticências no final da frase entre chaves, significa que o locutor ou convidado foi interrompido pelo outro falante. Quando aparece a palavra (inint) entre chaves, significa que não dá para entender o que o falante disse. Todas as falas (enunciados) são enumeradas, iniciando de zero, para que possamos indicar e localizar no texto as ocorrências que são objeto de estudo dessa pesquisa.

O principal objetivo da transcrição é transpor da forma mais clara e fiel possível, o discurso falado para o escrito. Em uma transcrição, qualquer elemento notadamente gráfico do oral pode ser descontínuo ou dissociativo. Descontínuo, pois recorre a elementos discretos, como letras, palavras e frases, para representar o que se manifesta em fluxo contínuo. Dissociativa, porque há elementos, componentes segmentais e suprasegmentais próprios do discurso falado, que nenhum tipo de transcrição pode reproduzir. São as pausas, as diferenças de entonação e altura de voz, alongamentos das vogais e consoantes, a ênfase de sílabas ou palavras, os problemas particulares de notação das transcrições, apesar de estarem sujeitos a um processo de filtragem por parte do ouvinte.

Todo o discurso oral está impregnado de hesitações, repetições, truncamentos e falsos começos que não estão disponíveis no sistema ortográfico. Por isso, são utilizados recursos especiais de notação para podermos captar com a maior fidelidade possível o discurso falado dos locutores envolvidos na narrativa radiofônica, que via de regra, é produzido com ativa linguagem gestual, podendo isso ser considerado, ou não, pelo pesquisador.



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

4. Apresentação e Discussão Dos Resultados

A questão estudada nesta pesquisa é a verificação do uso dos pronomes “tu/você” e “nós/a gente” pelos locutores de rádios do interior e da grande Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Apresentamos a seguir, as tabelas que indicam o uso pronominal nas dez emissoras analisadas.

- Programa “Cafezinho” da Rádio Pop Rock FM, de Canoas, gravado em 27 de agosto de 2008, em Porto Alegre. São 47 minutos de programa.

Tabela 1 – Usos pronominais

CAFÉZINHO	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	58	22	3	5

Fonte: Programa Cafezinho

- Programa “Pretinho Básico” da Rádio Atlântida FM, gravado em 14 de outubro de 2008 em Porto Alegre. O programa tem duração de 1 hora.

Tabela 2 – Usos pronominais

PRETINHO BÁSICO	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	71	25	2	6

Fonte: Programa Pretinho Básico

- Programa “Sala de Redação”, da Rádio Gaúcha FM, gravado em 02 de janeiro de 2009 em Porto Alegre. O programa tem 50 minutos de duração.

Tabela 3 – Usos pronominais

SALA DE REDAÇÃO	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	21	4	3	2

Fonte: Programa Sala de Redação

- Programa “Gaúcha Entrevista” da Rádio Gaúcha AM de Porto Alegre, gravado em 07 de janeiro de 2009. O programa tem 44 minutos e 30 segundos.

Tabela 4 – Usos pronominais

GAÚCHA ENTREVISTA	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	5	9	31	39

Fonte: Programa Gaúcha Entrevista

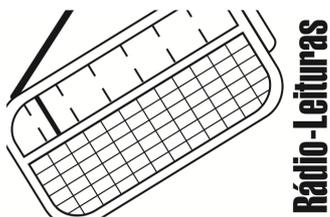
- Programa “Tribuna Popular” da Rádio Província FM, de Tenente Portela (região noroeste), gravado em 07 de fevereiro de 2009. O programa tem 1 hora e 30 minutos.

Tabela 5 – Usos pronominais

TRIBUNA POPULAR	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	1	22	62	21

Fonte: Programa Tribuna Popular

- Programa “Vinil Rock Café” da Rádio Luz e Alegria FM de Frederico Westphalen (região noroeste), gravado em 07 de fevereiro de 2009. O programa tem 3 horas e 30 minutos.



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

Tabela 6 – Usos pronominais

VINIL ROCK CAFÉ	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	7	46	3	25

Fonte: Programa Vinil Rock Café

- Programa “Rádio Repórter” da Rádio Luz e Alegria AM de Frederico Westphalen (região noroeste), gravado em 13 de fevereiro de 2009. O programa tem duração de 45 minutos.

Tabela 7 – Usos pronominais

RÁDIO REPORTER	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	1	1	54	32

Fonte: Programa Rádio Repórter

- Programa “Manhã Máxima” da Rádio Querência AM, de Santo Augusto, gravado em 17 de fevereiro de 2009. O programa tem a duração de, aproximadamente 3 horas e meia.

Tabela 8 – Usos pronominais

MANHÃ MÁXIMA	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	2	79	59	31

Fonte: Programa Manhã Máxima

- Programa “Persona Singular” da Rádio Caxias AM, de Caxias do Sul, gravado em 17 de fevereiro de 2009. São 23 minutos que fazem parte do segundo bloco do programa.

Tabela 9 – Usos pronominais

PERSONA SINGULAR	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	6	10	7	8

Fonte: Programa Persona Singular

- Programa “Frequência Livre” produzido pelos alunos do 4º semestre de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/Cesnors, campus de Frederico Westphalen (região noroeste), na disciplina de Laboratório de RadioJornalismo III, veiculado em 18 de março de 2009 pela Rádio Comunitária de Frederico Westphalen.

Tabela 10 – Usos pronominais

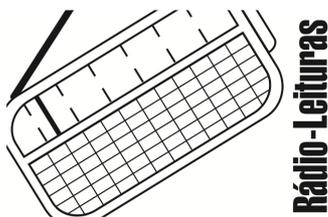
PROGRAMA F. LIVRE	TU	VOCÊ/S	NÓS	A GENTE
Ocorrências	3	9	-	1

Fonte: Programa Frequência Livre

Na tabela 11 apresentamos o quadro geral das ocorrências pronominais “tu” vs. “Você” e “nós” e “a gente”.

Tabela 11: Quadro geral dos usos pronominais “tu” vs. “você/s” e “nós” e “a gente”

Rádios	Tu	%	Você/s	%	Nós	%	A gente	%
Interior*	12	7,0	148	68,0	158	77,0	109	64,0



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

Cidades**	161	93,0	70	32,0	46	23,0	60	36,0
Total	173		218		204		169	

* Refere-se às emissoras situadas na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul

** Refere-se às emissoras da Grande Porto Alegre

Os dados revelam que não se constata nos locutores do interior a mesma frequência de uso do pronome “Tu” com apenas 7,0% como ocorre nas emissoras da grande Porto Alegre que registrou 93%. Os locutores das emissoras da região noroeste enfatizam o uso do pronome “você” com 68% e o emprego do pronome “tu” com apenas 7,0%. Também é interessante observar a frequência significativa do uso do pronome “a gente” nas emissoras do noroeste com 64% em relação às emissoras da grande Porto Alegre com 36%. Os locutores da região noroeste demonstram um uso pronominal equilibrado entre “nós” 77,0% e “a gente” 64%. Já os locutores da grande Porto Alegre usam bem menos os pronomes “nós” com 23% e “a gente” com 36%.

Destacamos que o maior número de ocorrências do pronome “tu” deu-se no programa “O Pretinho Básico”, da Rádio Atlântida FM com 71 ocorrências do pronome “tu”, totalizando 74% e 25 ocorrências do pronome “você” com 26%. Trata-se de um programa de entretenimento, apresentado por cinco comunicadores: Alexandre Fetter, que é o comunicador responsável; Carlos Eugênio Nunes, o Cagê; Maurício Amaral; Marcos Piangers e Porã. Além de “estrelas móveis”, que são amigos que participam do programa, neste caso, a “estrela móvel” é o escritor David Coimbra.

A linguagem utilizada pelos locutores é bem variada e espontânea. Há leituras de e-mails, piadas e comentários sobre os fatos que são notícia no Brasil e no mundo. Como o programa é direcionado a um público mais jovem, verifica-se o uso de gírias e até de palavras consideradas impróprias, como palavrões ou relacionadas ao sexo.

Em um programa de uma hora, há 70 menções do pronome “tu”, enquanto há apenas 7 menções do pronome “você”, embora 5 delas tenham sido em leituras de e-

mail de ouvintes e 2 em que o comunicador apresenta as empresas que patrocinam o programa. Houve, 9 menções do pronome “vocês”.

Tabela 12: Usos pronominais

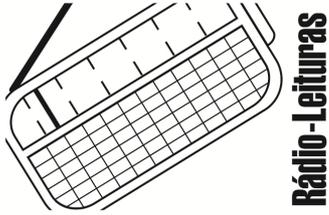
Você	2
Você	9
Tu	70
Você e-mail	5
Você propaganda	2
Você piada	3
Vocês e-mail	4

Os dados da tabela 12 ilustram em que situações se deram os usos pronominais. Há momentos em que locutor está lendo ou o texto é a veiculação de alguma peça publicitária.

O programa Gaúcha Entrevista, da Rádio Gaúcha AM de Porto Alegre apresenta entrevistas temáticas. A variação linguística nesse programa é perceptível apenas na comparação do locutor com os convidados. A locutora menciona o pronome “você” 1 vez, enquanto 7 vezes o pronome “você”, embora 2 vezes seja na divulgação dos patrocinadores. O pronome “vocês” foi mencionado por ela 5 vezes. Pode parecer pouco para um programa de quase 45 minutos, porém, a locutora prefere chamar alguns dos entrevistados pelo nome ou pela função.

A primeira e a terceira pessoas que foram entrevistadas não se utilizam de qualquer pronome durante a entrevista. Já o segundo se utiliza apenas uma vez de um pronome que é o “você”.

O programa Tribuna Popular trata de debates e entrevistas. Nesta edição há 3 entrevistados: o primeiro se utiliza 1 vez do pronome “tu”, o segundo entrevistado apenas se utiliza do “vocês” em toda a sua participação e o terceiro entrevistado não se utiliza de qualquer pronome em sua participação.



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

O jornalista e comunicador responsável pelo programa se utilizou 17 vezes do pronome “você” enquanto 1, apenas, do pronome “tu”. O pronome “vocês” foi mencionado 4 vezes.

O programa é musical, mas sempre apresenta algum tipo de participação ao vivo. Nesta edição há uma entrevista, uma participação e algumas pessoas que estavam no estúdio, mas não tiveram participação efetiva.

Os convidados 2, 4 e 5 apresentam poucas interações que envolvam o uso pronominal. A primeira entrevistada utiliza apenas uma vez o pronome “vocês”. O terceiro participante se utiliza 2 vezes do pronome “tu”, uma vez o pronome “você” e 4 vezes o “vocês”. Já o apresentador do programa utiliza 2 vezes “vocês”, 5 vezes o pronome “tu” e 37 vezes o pronome “você”. Percebeu-se que quando ele se referia aos convidados utilizava o “tu” e na maioria das vezes que direcionava a palavra aos ouvintes, utilizava “você”.

Este é um programa que traz entrevistas com assuntos que dizem respeito à ordem pública. O locutor se utilizou uma vez do pronome “tu” e o entrevistado utilizou-se uma vez do pronome “você”. Chama a atenção o fato de o locutor ter conduzido a entrevista sem utilizar pronomes.

5. Conclusão

Não temos conhecimento de pesquisas que tenham analisado o comportamento linguístico de comunicadores de rádio, da região metropolitana de Porto Alegre ou de qualquer outra região do Rio Grande do Sul. As motivações iniciais em analisar a expressão oral de comunicadores de rádio, a partir das narrativas radiofônicas tem como objetivo verificar se, de algum modo, os empregos pronominais na região sul apresentam as mesmas características já detectadas em pesquisas sociolinguísticas publicadas desde a década de noventa. Nessas pesquisas, constata-se

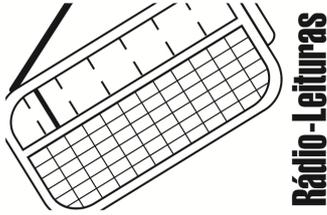
a predominância do uso pronominal “tu” em Porto Alegre, enquanto nas outras capitais brasileiras há a predominância do emprego do pronome “você”.

A realização de uma pesquisa dessa natureza mostrou que as narrativas radiofônicas podem constituir-se em excelente material para verificar as tendências de mudança que afetam a língua. A formação do *corpus* tornou-se possível pela facilidade em acessar as rádios de qualquer região do país pela internet. Portanto, a escolha de apenas dez emissoras de pontos tão distantes do estado do Rio Grande do Sul deve-se em parte, pelo tempo bastante limitado para o desenvolvimento desse projeto, ou seja, um período de 12 meses. Por isso, era necessário limitar o *corpus* procurando obedecer a alguns critérios em termos de similaridade dos programas e do público-alvo.

Em nossa pesquisa, o *corpus* é formado por programas musicais em que interagem no mínimo dois locutores com a participação de ouvintes e programas de entrevistas. Trata-se de programas em que a naturalidade dos locutores é fundamental para poder verificar em que medida as variantes linguísticas, no nosso caso, os usos pronominais “tu” e “você”, “nos” e “a gente” são gerados durante o processo interacional.

Uma primeira constatação mostra que os comunicadores de rádio da grande Porto Alegre revelam a predominância de uso pronominal “tu”, o que confirma pesquisas anteriores, como as realizadas por Vandresen (2000), Abreu (1987) e Loregian (1996). Note-se que essa pesquisa, especificamente é apenas com comunicadores de rádio. Esses dados confirmam o que as pesquisas realizadas por linguistas já mencionados nesse estudo, têm revelado sobre os usos pronominais, nesse caso, o pronome “tu”.

Por outro lado, os comunicadores de rádio da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul revelam a predominância pelo emprego do pronome “você/s”. Esse dado é interessante porque os estudos sociolinguísticos já mencionados, mostram a tendência do uso do pronome “você” nas capitais brasileiras, mas não sabemos



A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

exatamente se isso é uma tendência em todo o território nacional. Temos as capitais como referência para o uso predominante do pronome “você”, mas no momento em que analisamos a série de narrativas dos comunicadores da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, não constatamos a mesma predominância que se observa nos comunicadores da grande Porto Alegre que usam predominantemente o pronome “tu”. Ao contrário, os dados do nosso inventário mostram o emprego do pronome “você”, conforme ilustram as diversas tabelas examinadas na discussão dos resultados.

Portanto, diante disso, surge o desafio de ampliar a pesquisa com comunicadores de rádio envolvendo outras regiões do estado sulino. Dessa maneira, pode-se detectar se a tendência de uso pronominal está de fato alterando o tradicional paradigma verbal, como já é proposto por diversas pesquisas que analisam os fenômenos de variação da língua ao longo do tempo.

Referências bibliográficas

ABREU, M. T. dos S. **Formas de tratamento**: dialeto urbano e rural em Curitiba. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1987.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2008.

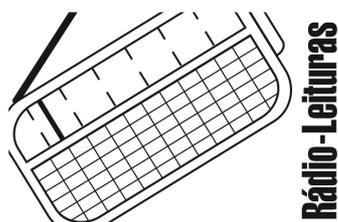
ALKMIN, M.T. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BAGNO, M. **Gramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BRIGHT, W. (Org.). Sociolinguistics. In: **Proceeding of UCLA Sociolinguistics Conference**, 1964. 3. ed Mouton: The Hauge, 1966.

DUARTE, M.E.L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português brasileiro. In: Kato, M. & Roberts (Orgs.) **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.



PRONOME DE Segunda Pessoa no Sul do Brasil: tu/você/ o senhor em Vinhas da Ira. In: **Letras de hoje**: A variação no sistema. Porto Alegre, v. 35, n° 1, p. 121 – 164, março de 2000.

FIGUEIREDO SILVA, C. M. Inovações morfológicas no português brasileiro. In: GRIMM-CABRAL, L. 7 GORSKY, E. (Orgs.). **Linguística e Ensino**: reflexões para a prática pedagógica da língua materna. Florianópolis: Editora Insular, 1998.

KATO, M. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In: W. ASHBY *et al.* (Eds.) **Linguistic Perspective on the Romance Languages**. Amsterdam: John Benjamin, 1993. p. 225-236

MARTINEZ-COSTA, M. del P.; UNZUETA, J. R. D. **Lenguaje, géneros y programas de radio**: introducción a la narrativa radiofónica. Ediciones Universidad de Navarra: Navarra, Espanha, 2005.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, L. M. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, Inc 1972b.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome “tu” na fala do sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa**. Revista ANPOLL, 4, 1998, p. 137-156.

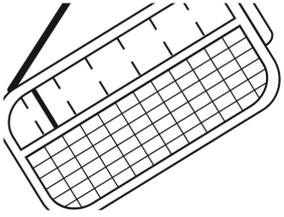
PAIVA, M. C. de. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, L. M. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix: São Paulo, 1916.

TARALLO, F. **Tempos linguísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Editora Ática, 1990.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

VANDRESEN, P. O sistema pronominal e a concordância verbal no Português falado na Região Sul. In: FORTKAMP e TOMITCH (Org.) **Aspectos da Linguística Aplicada**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

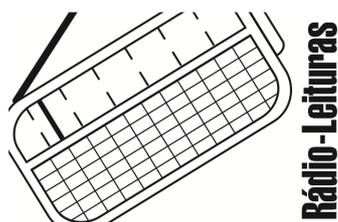


Rádio-Leituras

A Língua na Língua dos Locutores de Rádio do Rio Grande do Sul

Elias José Mengarda e Letícia Sangaletti

VANOYE, F. **Usos da Linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. Martins Fontes: São Paulo, 2003.



Abstract

This article aims to analyze the linguistic behavior of speakers of AM and FM radio stations in the Porto Alegre and the northwestern region do to the use of pronoun "tu" vs. "voce" and "nós" vs. "a gente ". The corpus consists of recordings of talk shows and music programs from five capital's radio stations and five radio stations from the Northwest region. The theoretical and methodological approach was based on the principles of the theory of linguistic variation (LABOV, 1972, 2008). The results confirm previous studies (VANDRESEN, 2000), (ABREU,1987) e (LOREGIAN,1996), regarding the predominance of the use of the pronoun "tu" in the Porto Alegre region. However, the speakers in the northwest region of the Rio Grande do Sul state do not present this behavior in the same proportion as far as the pronouns use that has been observed at radio stations in Porto Alegre.

Keywords: Language; Talkers Radio; Language Variation; Radio Station.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar el comportamiento lingüístico de los locutores de radio AM y FM en la región de Porto Alegre y el noroeste cuanto al uso de los pronombre "tu" frente a "você" y "nós" vs "a gente". El corpus se compone de grabaciones de programas de entrevistas y programas de música de cinco estaciones en la capital y cinco estaciones de la región noroeste. El enfoque teórico y metodológico se basó en los principios de la teoría de la variación lingüística (LABOV, 1972, 2008). Los resultados confirman anteriores estudios realizados por Vandresen (2000), Abreu (1987) y Loregian (1996), en relación con el predominio del uso del pronombre "tu" en la región de Porto Alegre. Por otro lado, los altavoces en la región noroeste de Rio Grande do Sul no mostraron este comportamiento en la misma proporción que el uso de los pronombres que salen en las estaciones de Porto Alegre.

Palabras Clave: Lengua; Locutores de radio, variación lingüística, emisoras.